

ELISÂNGELA ANTUNES BARBOSA DE CASTRO

**COMUNIDADE TERAPÊUTICA NOSSA SENHORA DA RESTAURAÇÃO:
INSTITUIÇÃO PAUTADA NA PEDAGOGIA SOCIAL OU NO AMANSAMENTO
DE INDIVÍDUOS**

CAMPINAS – SP
JUNHO DE 2011

Elisângela Antunes Barbosa de Castro

Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração: Instituição Pautada
na Pedagogia Social ou no Amansamento de Indivíduos

Trabalho apresentado como exigência da disciplina EP 809 –
Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II, do curso de
Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação
da Profª Drª Elisa Angotti Kossovitch.

Campinas

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C279c

Castro, Elisângela Antunes Barbosa de
Comunidade terapêutica Nossa Senhora da
Restauração: instituição pautada na pedagogia social ou
no amansamento de indivíduos / Elisângela Antunes
Barbosa de Castro. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador: Elisa Angotti Kossovitch.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Pedagogia – Aspectos sociais. I. Kossovitch, Elisa
Angotti. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

11-132-BFE

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

Ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade

Agradecimentos

À Deus;

Aos meus pais Maria de Lourdes e Aparecido, sobretudo, à minha mãe que sempre acreditou em mim, apoiou e ajudou nos momentos difíceis desta graduação;

Aos meus irmãos Eliete e Elton que acompanharam todos os momentos e torceram pelo meu sucesso;

Ao senhor que vendia doces em frente ao Bandeirão;

Aos amigos que fiz na Associação Esperança e Vida e na Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração;

À todos os funcionários da Faculdade de Educação que contribuíram para minha formação;

À Prof^a Dr^a Elisa Angotti Kossovitch, pela orientação e delicadeza que deu a esta monografia.

À Prof^a Dr^a Aparecida Neri de Souza, pela compreensão e orientação.

Orientador: Elisa Angotti Kossovitch

2º leitor (a): Aparecida Neri de Souza

SUMÁRIO

1. Resumo.....	1
2. Introdução.....	2
3. Capítulo I: Falando sobre o uso de “drogas”.....	4
4. Capítulo II: A Pedagogia social e instituições de educação não – formal.....	7
5. Capítulo III: Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração: pedagogia social ou disciplina e amansamento.....	13
6. Considerações finais: “Aqui tem pouco lazer, pouco estímulo”.....	18
7. Referências Bibliográficas.....	19
8. Anexos.....	22

Resumo

O presente estudo tem como objetivo, analisar a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração, instituição sem fins lucrativos, destinada ao tratamento e recuperação de jovens excluídos socialmente, devido ao uso de drogas e álcool, como um espaço pautado ou não, na pedagogia social

Utilizou-se a investigação qualitativa, como metodologia de pesquisa, mediante a realização de entrevistas com um interno da Comunidade Terapêutica, com o assistente social e com a psicóloga.

Além disso, como fundamentação teórica, baseou-se nas definições de pedagogia social estabelecidas por Jaume Trilla. Enfim, concluiu este Trabalho de Conclusão de Curso, relatando que a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração, não é uma instituição voltada à pedagogia social, pois não existe a preocupação com a socialização e com a formação política dos internos.

Palavras-Chave: 1-Comunidade Terapêutica; 2-Educação Não-Formal; 3-Pedagogia Social.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo de analisar a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração e sua possível relação com a pedagogia social. Este tema surge, a partir do meu contato com a instituição, no segundo semestre de 2010, a fim de cumprir a disciplina EP-206 da Faculdade de Educação/ UNICAMP.

Assim que comecei a frequentar a C.T¹ acreditava que estava diante de um espaço de educação não - formal, contudo, com o decorrer das minhas visitas á mesma, fui percebendo que não conseguia estabelecer um diálogo com os autores que escreveram sobre educação não – formal, como Gohn (2001). Encontrei em Trilla (2003) um possível caminho para analisá-la, sendo um dos motivos deste Trabalho de Conclusão de Curso, saber como a C.T se inseriu em programas e projetos de educação não – formal e de pedagogia social.

Neste sentido, a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração seria uma instituição pautada na pedagogia social? A prevenção, a recuperação, a socialização e a integração de indivíduos usuários de “drogas” e álcool, em situação de abandono e marginalização, se relacionariam com a pedagogia social? A C.T seria uma instituição voltada ao “amansamento” de sujeitos? O ensino de comportamentos tolerantes, aulas de leitura, colagem, artesanatos e longos momentos destinados ao trabalho braçal e a espiritualidade acalmariam e amansaria os sujeitos marcados pelo uso de “drogas”, criminalidade, evasão escolar, prostituição, prisões e desestrutura familiar?

A pesquisa aqui realizada apresenta a pedagogia social, como uma ciência da educação, que se utiliza dos conhecimentos acumulados pelo homem e do conjunto de saberes e experiências de ordem teórica e prática, voltados á educação e a sociedade. A pedagogia social, por intermédio de práticas sócio – educativas, baseia-se no desenvolvimento da sociabilidade, da integração, da recuperação, da formação e do atendimento ás necessidades básicas de indivíduos excluídos socialmente. A CT poderia ser inserida nesta concepção?

A pesquisa foi elaborada mediante a observação do cotidiano na instituição, com os internos da Comunidade Terapêutica, com o assistente social e com a psicóloga. As

¹ Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração

entrevistas seguiram um roteiro elaborado, não foi possível graças às dificuldades técnicas, utilizar um gravador, no entanto, no momento das entrevistas, fiz uso de um caderno de campo.

Privilegiou-se a fala dos internos, pois elas indicam os subsídios necessários para se analisar a instituição, as quais foram interpretadas com base no referencial teórico sobre educação não – formal e pedagogia social. Esta monografia está dividida em quatro capítulos, de acordo com o descrito abaixo:

O primeiro capítulo intitulado Falando sobre o uso de “drogas”, constitui um breve histórico, a respeito do qual se analisa o consumo de substâncias psicoativas, como algo ruim e incapacitante.

O capítulo seguinte Pedagogia social e instituições de educação não – formal, tem como objetivo discorrer sobre educação informal, educação formal, educação não-formal e a pedagogia social, sobretudo, discutir as principais características desta.

No terceiro capítulo Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração: pedagogia social ou disciplina e amansamento, realiza-se uma descrição sobre o modo de funcionamento da instituição, bem como, a partir das entrevistas realizadas e do referencial teórico consultado, questiona-se a Comunidade Terapêutica como um espaço ou não, de atuação da pedagogia social.

Enfim, concludo esta monografia explicitando algumas considerações evidenciadas no decorrer desta pesquisa em “Aqui tem pouco lazer, pouco estímulo, visto as poucas ações sócio-educativas realizadas na C.T, o que impede de caracterizá-la, como um estabelecimento voltado á pedagogia social.

CAPÍTULO I

FALANDO SOBRE O USO DE “DROGAS”

Atualmente, o uso de substâncias psicoativas se tornou um problema social, o qual muitas vezes, se relaciona com o aumento da violência, da evasão escolar, da marginalização e da criminalidade. Ao estudarmos a história de antigas civilizações, percebemos que o homem sempre fez uso de “drogas”, ou melhor, que a história dos homens se confunde com a história das “drogas”, pois cada civilização produziu sua “droga”.

Guarinello (2008) relata que o consumo do vinho, por exemplo, data de quatro mil a.C., em regiões como a Ucrânia, a Itália, a Sicília e a Síria, nas quais foram encontrados vestígios do cultivo da videira, planta de cuja semente se extrai o vinho. Este, inicialmente, era uma bebida da aristocracia guerreira, sendo servida ritualmente em grandes banquetes como símbolo do poder, pertencente às classes abastadas.

Somente com o desenvolvimento das cidades do mediterrâneo, nos séculos seguintes, que o consumo de vinho será disseminado entre a população, perdendo seu caráter sagrado para se configurar como uma bebida constantemente presente na vida das pessoas. O vinho possuía tanta importância para estes povos, que alguns ficaram conhecidos como a “civilização do vinho” ou a “civilização material”, em decorrência do desenvolvimento econômico e social que o mesmo proporcionou.

A videira foi considerada durante muito tempo, como uma planta divina e o vinho como um presente dos deuses. Desta forma, assim como o rio Nilo permitiu o desenvolvimento do Egito ou o rio Tigre e Eufrates possibilitaram o crescimento dos povos da Mesopotâmia e de outras regiões, o vinho contribuiu com o florescimento de vários países que tinham no mesmo o centro de sua atividade comercial.

Um pouco mais adiante, segundo Vargas (2008) no decorrer da Idade Média, entre os séculos XI e XIII, a população européia conheceu um novo tipo de “drogas”, as especiarias exóticas apresentadas aos cristãos-europeus, durante a invasão de Jerusalém, as quais ganharam este nome por terem o “gosto do paraíso” e causarem uma “espécie de alegria para a alma”. As especiarias despertavam a fantasia, o oculto e as emoções dos

européus, num momento em que pouco se sabia sobre o oriente, terra desconhecida que povoava o imaginário social, como sendo habitada por monstros e gigantes.

Durante o século XIII, a Europa enfrentou um período de grande instabilidade política e econômica, acirrado, pela miséria e pobreza da população, as especiarias, neste sentido, tornaram-se válvula de escape para as camadas populares que não tinham alimento, Vargas (2008) citando Camporisi (1996) afirma que os pobres viviam em estado de alucinação por conta da mistura de pães com ervas alucinógenas.

Estes alimentos possibilitavam acalantar a dor da maioria da população, pois os colocava em outra realidade *“Neste contexto, tais substâncias foram enaltecidas como sendo (e consumidas para serem) capazes de tornar suportável a existência do homem decaído”* (SAHLINS apud VARGAS, 2008, p.48).

A partir do século XVIII, a “loucura por especiarias” começa a declinar, sendo substituída por novos grupos de alimentos-drogas, como o açúcar e o café, os quais passaram a ocupar a produção, comércio e exportação, em diversas partes do chamado novo mundo. Este período nos mostra que tais “drogas” causavam alterações no comportamento e no humor, sendo, inclusive, utilizados em muitas fábricas que desejavam aumentar o rendimento de seus funcionários, bem como, tornar suportável a existência humana em torno dos grandes centros comerciais.

Notamos com estas evidências históricas, que as mais antigas civilizações sempre fizeram uso de substâncias psicoativas, as quais não representavam qualquer problema para suas vidas, pois se relacionavam com os costumes, as tradições e práticas culturais. *“Para o bem e para o mal, as drogas são e estão na cultura. Ou melhor, nas culturas e, portanto, não podem ser entendidas fora delas”* (GIL; FERREIRA, 2008, p. 11).

Os discursos atuais que buscam criminalizar o uso de “drogas”, de acordo com Fiore (2008) são derivados dos saberes médicos e farmacológicos que, durante o século XX, foram acionados para embasar cientificamente as políticas de repressão e criminalização à venda e ao consumo de “drogas”, relacionando este, com a patologia, a toxicomania, a escravidão, a drogadicção e a adicção, reservando ao traficante, um código de leis que punem e condenam a produção e o comércio de substâncias não aceitas socialmente, como a maconha, cocaína e crack, e ao usuário, internações em hospitais, em clínicas particulares de contenção ou em Comunidades Terapêuticas.

O usuário de “drogas”, ao invés de ser considerado um doente ou um louco, deveria receber orientações e apoio de órgãos capacitados para lidar com os problemas que a compulsão ao uso de “drogas” e álcool oferece, pois o sujeito que vive diariamente em função do consumo de substâncias psicoativas, provavelmente, terá prejuízos ao seu desenvolvimento físico, psicológico, emocional e social. Enfim, dificilmente, por meio do medo, da criminalização e da patologização ao uso de “drogas”, se conseguirá o fim de sua manipulação e utilização pela população, uma vez que se trata de um hábito herdado de nossos antepassados, os quais raramente serão apagados por políticas proibicionistas.

CAPÍTULO II

PEDAGOGIA SOCIAL E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO NÃO – FORMAL

Neste capítulo, pretendo apresentar os diferentes tipos de educação conhecidos como: a educação informal, a educação formal, a educação não - formal e a pedagogia social, tendo em vista, que muitas pessoas confundem estes conceitos, pois, de modo geral, estão relacionados à formação integral dos indivíduos, ao desenvolvimento da sociabilidade e de práticas recreativas. Apresento, também, as características principais da pedagogia social, as quais serão utilizadas mais adiante, quando nos referirmos a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração.

Antes de adentrarmos nesta discussão, é importante lembrarmos a história das Organizações Não – Governamentais, as quais atuam no âmbito não – formal e passam a ter destaque mundialmente com o desenvolvimento do neoliberalismo. As ONGs, de acordo com Gohn (2001) sofreram importantes modificações em sua história, pois durante a década de 1970, as mesmas possuíam um forte cunho político de defesa dos direitos econômicos, sociais e culturais das mulheres, dos negros, dos homossexuais, da infância e da adolescência, sobretudo, do direito à participação política, num contexto marcado pela repressão das ditaduras militares.

Neste momento, as instituições não – formais eram espaços de contestação e resistência ao Estado, que se utilizava da violência e da força para conter a população. Contudo, entre as décadas de 1980 e 1990, as ONGs sofreram transformações em suas diretrizes, tendo a necessidade de gerarem recursos próprios para sobreviver, o que acarretou a perda progressiva de seu viés crítico e questionador da sociedade, para se tornar num instrumento responsável, por mantêm a coesão social, a partir do atendimento de algum apelo ou problemática social.

Emergiram nos anos 90, no cenário nacional, outros tipos de entidades, próximas do modelo norte americano non-profits, articuladas às políticas sociais neoliberais, dentro do espírito da filantropia empresarial, atuando em problemas cruciais da realidade nacional, como as crianças em situações de risco, alfabetização de jovens e adultos, etc. Essas entidades não se colocarão contra o Estado, como as da fase anterior, originárias dos movimentos e mobilizações populares. Elas querem e buscam a parceria

com o Estado. As novas entidades auto – denominam-se como terceiro setor, pois procuram definir-se pelo que são e não pelo que não são (GOHN, 2001, p. 78).

As ONGs tornaram-se verdadeiras empresas especializadas em lidar com as mazelas sociais, mediante a utilização de mão de obra voluntária e de convênios com diversas empresas “A palavra de ordem passou a ser eficiência e produtividade na gestão de projetos sociais, para gerir recursos que garantam a sobrevivência das próprias entidades. Ter pessoal qualificado com competência para elaborar projetos com gabarito passou a ser a diretriz central, e não mais a militância” (GOHN, 2001, p.78).

Tais instituições, ao firmarem políticas de parceria e colaboração com o Estado, reafirmam e produzem os males que combatem, pois o modelo neoliberal de produção utilizado pela maioria dos Estados tornou-se um dos responsáveis pelo acirramento da pobreza e da desigualdade social, atuando na regulação da economia, na realização de acordos econômicos entre diversos países, na estabilidade monetária e na privatização de empresas estatais, sendo, contudo, mais ausente nas questões sociais, “O neoliberalismo irá tratar das relações sociais com o mínimo, oferecendo á população medidas paliativas, por meio do assistencialismo, como a luta para o” combate da pobreza” ” (ARAÚJO; BARBOSA, 2009, p. 26), o que resultou na mobilização da sociedade, por intermédio das ONGs, para ter garantida suas necessidades básicas, inclusive, por espaços de educação não – formal.

Tendo isso em mente, a educação informal se processa em todos os momentos de nossas vidas, relaciona-se com os saberes que adquirimos intencionalmente na família, no grupo de amigos e na comunidade. Não necessita de tempo, espaço ou ocasiões especiais, para que a mesma aconteça.

A educação formal ocorre dentro das escolas e possui tempo padronizado de início-intervalo-fim, além disso, está voltada para a transmissão e reprodução dos conhecimentos historicamente acumulados pelo homem. Nas instituições escolares, encontramos hierarquias de cargos, cujo poder de comandar e interferir nos assuntos administrativos ou na relação aluno-professor tornou-se centralizado na figura do diretor.

A educação não-formal, por sua vez, surgiu como alternativa ao modelo escolar. Embora, não tenha a finalidade de salvar o sistema de ensino, mas a de ofertar uma proposta acolhedora e coletiva, baseada no estabelecimento de laços afetivos, na formação

de grupos de amigos e na aprendizagem, á partir de práticas sociais que façam sentido para aqueles a que se destina.

Gohn (2001) apresenta os seguintes pontos para definir a educação não-formal: esta é voltada para a conscientização política dos direitos e deveres de cada indivíduo, enquanto cidadão e parte integrante da sociedade. Realiza cursos profissionalizantes, objetivando a formação para o mercado de trabalho. Possibilita, também, o exercício de práticas que capacitem o indivíduo a se organizar e resolver os problemas de sua comunidade. E, ainda, torna possível a aprendizagem de disciplinas sistematizadas, valendo-se de diversas mídias, em especial, a eletrônica.

Nas instituições de educação não-formal, não encontramos hierarquias de cargos, sendo que alguns de seus funcionários são voluntários que se identificam com o trabalho desenvolvido. Somado a isso, percebemos que as ações educativas não apresentam um cronograma a ser seguido, ao contrário, respeita-se o tempo que cada indivíduo necessita para aprender, *“As atividades da educação não-formal precisam ser vivenciadas com prazer em locais agradáveis, que permitam movimentar-se, expandir-se e improvisar”* (VON SIMSON, p.10, 2001).

As instituições de educação não-formal foram elaboradas para que todos os indivíduos possam participar da mesma, o que não acontece, preferencialmente, com as instituições voltadas à pedagogia social, a qual direciona-se a crianças, adolescentes, adultos e idosos expostos à violência, criminalidade, prostituição, dependência química e vulnerabilidade social. É como se a pedagogia social fosse uma bifurcação das demais instituições de educação não-formal, ambas objetivam formar cidadãos questionadores e ativos com os problemas de suas comunidades, entretanto, a pedagogia social atua, diríamos, nas pessoas que vivem à margem das decisões políticas e econômicas que regem nossa sociedade, uma vez que são vítimas da pobreza, da negligência de políticas públicas e do abandono.

Trilla (2003) pontua três critérios para sabermos de que se trata quando nos referimos à pedagogia social. Esta relaciona-se com o desenvolvimento social da personalidade, promovendo atitudes maduras e conscientes no âmbito da vida em comunidade. A pedagogia social não direciona-se a qualquer indivíduo, a mesma volta-se a uma parcela específica da população que vive em situação de vulnerabilidade, de abandono,

de risco, marginalização e conflito com o meio social. Este processo é realizado em espaços não-formais ou não-escolares.

Certamente a pedagogia social se ocupa de sujeitos e grupos com alguma problemática social. Na realidade, não há outro jeito senão reconhecer que o tipo de necessidades a que esta pedagogia preponderantemente atende, tem a ver, de forma muito direta, com seus destinatários. As imagens que espontaneamente nos ocorrem, quando falamos de pedagogia social, são as da marginalização, da inadaptação, dos toxicômanos, dos presos, da infância maltratada, da pobreza...Por isso, dissemos que a pedagogia social foi – e continua sendo – fundamentalmente uma “pedagogia da necessidade” (TRILLA, 2003, p.20).

Petrus, entretanto, amplia o significado da pedagogia social, a qual não seria especializada apenas em sujeitos marginalizados, esta seria uma de suas funções.

A pedagogia social concebida como adaptação. Como socialização, como recursos para a aquisição de competências sociais, como didática do social, como ação profissional sócio-educativa qualificada, como ação frente à inadaptação, como formação política do cidadão, como fator de prevenção, controle e mudança social, como trabalho social educativo, como geradora de novas demandas sociais (PETRUS, 2003, p. 55).

Paulo Freire, na década de 60, foi o precursor da pedagogia social no Brasil, embora não utilizasse esse termo, Freire esteve envolvido com a educação de jovens e adultos, de classes populares, incentivando durante o processo de ensino – aprendizagem, a relação entre os conhecimentos que os educandos possuem com as práticas educativas que serão desenvolvidas, ou melhor, “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra”, a fim de que o educando possa problematizar a realidade em que vive, exercer sua autonomia, seus direitos e deveres na comunidade.

A pedagogia social se relaciona com o surgimento de um novo profissional da educação, o pedagogo social, o qual, de acordo com Romans (2003), tem que ter bagagem cultural e conhecimentos necessários para definir seu saber-fazer. Acima de tudo, o pedagogo social necessita saber conviver em grupo e levar em consideração a opinião do

outro, uma vez que seu trabalho não é realizado solitariamente, mas depende de uma equipe multidisciplinar, sendo sua responsabilidade, o desenvolvimento de atividades educativas, recreativas e socializadoras.

Os educadores sociais são os mediadores do ato educativo e devem poder obter satisfação em seu trabalho da mesma forma que outros trabalhadores, por meio do que é alcançado pelos que participam da ação, o que é conquistado, portanto, em grupo. Dessa maneira, lembraremos de novo que a finalidade não se centra no educador, mesmo que, por meio da interação, ele saia beneficiado, mas na pessoa, usuário cliente, para a qual se orienta a ação (ROMANS, p. 185, 2003).

Diferente de outras profissões, o pedagogo social poderá realizar seu trabalho nas ruas, em comunidades e na própria instituição, por essa razão, é necessário que o mesmo se mantenha atualizado e participe de cursos de formação continuada, pois tornou-se comum a presença de pedagogos desanimados e descontentes, frente, muitas vezes, ao insucesso das intervenções que realiza.

Paula e Machado (2005) nos falam da demanda, por parte da sociedade, pela formação de profissionais da educação, que atuem em projetos e instituições não-formais. Segundo eles, a possibilidade dos cursos de pedagogia formar profissionais que estarão com grupos sociais específicos é uma conquista recente, sendo, inclusive, uma maneira de valorizar os pedagogos que já atuam nesta área, a qual, diversas vezes, foi confundida com o assistencialismo, por esse motivo, Paula e Machado se referem às Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia (2005), como um avanço quando percebem a necessidade de profissionais da educação atuarem em instituições voltadas ao atendimento de uma parcela da população, que teve seus direitos negligenciados pelos representantes do Estado.

A pedagogia social, desta maneira, com o decorrer dos anos, tem sua importância aumentada, seja pelo crescimento do número de instituições voltadas à mesma, seja pela formação de profissionais que desenvolverão projetos educativos e recreações com pessoas em risco social, desvinculando-se das instituições não-formais de educação, principalmente, por representarem uma válvula de escape a indivíduos que desejam aprender seus direitos e também seus deveres para se reinserir novamente na sociedade e no mundo, com base na

formação de laços afetivos, na socialização, na integração, no diálogo, no lazer, no compromisso e na confiança entre os indivíduos atendidos pelo estabelecimento e a equipe multidisciplinar.

CAPÍTULO III

COMUNIDADE TERAPÊUTICA NOSSA SENHORA DA RESTAURAÇÃO: PEDAGOGIA SOCIAL OU DISCIPLINA E AMANSAMENTO.

A Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração, está localizada numa área de difícil acesso, sendo suas ruas de terra e esburacadas. As propriedades vizinhas à mesma são grandes e relacionadas ao trato de animais e plantações.

Na Comunidade Terapêutica encontramos um espaço amplo composto por cozinha, dispensa, sala da administração, banheiros, dormitório do monitor, dormitórios coletivos, salão, plantações, galinheiro, curral, hortas, etc. A C.T faz parte de um dos projetos sociais desenvolvidos pela Organização Não – Governamental, Associação Esperança e Vida, a qual desde 1990, acolhe e propicia tratamento para portadores do HIV/ AIDS e usuários de “drogas” e álcool.

Os serviços prestados pela ONG são gratuitos e financiados através de doações da comunidade, de empresas e, também, de projetos e atividades desenvolvidos pela mesma: Padaria Delícias Caseiras, Bazar Beneficente, Tire Uma Vida do Lixo – trabalho com reciclagem, Captação de Novos Sócios e Empresas Parceiras, eventos, festas e trabalho voluntário. A partir de 2006, a C.T começou a oferecer tratamento para indivíduos envolvidos com uso e abuso de “drogas” e álcool, retirando muitos jovens das ruas e ofertando um espaço acolhedor, com “ar de família”.

A equipe da Comunidade Terapêutica é formada por coordenador geral, psicóloga, pedagoga, assistente social e monitor. Na maioria dos casos, os residentes são jovens e adultos, do sexo masculino, acima dos 18 anos, os quais se caracterizam pela deterioração física e mental, rompimento dos laços afetivos, desestrutura familiar, exclusão escolar, marginalização, abandono e prisões.

Nos dias em que estive na instituição, notei que os internos vivem uma rotina diária intercalada por afazeres domésticos, cuidado dos animais, limpeza dos dormitórios e dos pertences pessoais, espiritualidade e reuniões em grupos. Estas reuniões baseiam –se nas trocas de experiências, auto – ajuda, partilha de sentimentos, debate dos doze passos de Narcóticos e Alcoólicos Anônimos, prevenção a recaídas e aconselhamentos. Os funcionários da C.T procuram despertar nos internos o hábito de cuidar de si, de se lavar e

cortar o cabelo, de zelar por suas roupas/acessórios, tendo em vista, o isolamento e a perda de valores, laços afetivos e sociais em que se encontravam.

No decorrer da semana, uma pedagoga disponibilizada pela prefeitura de Campinas, realiza algumas atividades sócio - educativas e recreativas, como : alfabetização, leitura e interpretação de textos, desenhos, colagem, videoterapia e artesanatos. A pedagoga, valendo-se do diálogo e da conversa em grupo, procura despertar a consciência do corpo e mente saudáveis, trabalha a disciplina, a convivência e resgate do valor de ser humano.

Geralmente, após as aulas, os rapazes dedicam – se a práticas de esportes, momento muito querido por todos e propício à realização de brincadeiras, descontração e diálogo. O esporte favorece a integração e a união: de seres biológicos nos tornamos seres sociais capazes de aceitar, tolerar, superar e reconhecer os valores do time adversário.

“Ao esporte como humanismo, ao esporte como aprendizagem do saber ganhar ou perder, ao esporte como recurso de educação social” (PETRUS, 2008, p.102).

Apesar das dificuldades encontradas pela Associação Esperança e Vida para fazer com que a C.T recupere e integre novamente estes rapazes à sociedade, percebe-se na mesma, um acolhimento e um “ar de família”, presente entre os moradores e funcionários, o “diferente” é bem aceito, eles não se acusam, recriminam ou fazem pré – julgamentos. Durante os seis meses, tempo do tratamento, os internos re - aprendem a conviver em sociedade, reestruturam seus laços familiares e lutam para continuar a viver sem precisar consumir “drogas” ou álcool.

Partindo dessa exposição sobre o funcionamento da Comunidade Terapêutica, se analisará, com base na entrevista de dois internos da instituição, do assistente social e da psicóloga, as características principais da mesma, como: a metodologia que norteia o tratamento oferecido, as práticas educativas desenvolvidas com os internos, as pessoas que se aderem à instituição, o que os profissionais pensam a respeito do uso de “drogas” e, sobretudo, se a C.T poderia ou não, ser um espaço de atuação da pedagogia social.

As entrevistas definiram-se informalmente, havia um roteiro de questões direcionadoras pré – formuladas, no entanto, estas estruturaram-se no desenrolar da conversa, sendo, inclusive, editadas, visando a melhor compreensão do leitor.

Nesse sentido, o tratamento na Comunidade Terapêutica é baseado em diversas atividades que devem ser cumpridas obrigatoriamente: ordenha de vacas, limpeza do

galinheiro, alimentação dos animais, plantação de sementes, cuidado das hortas, realização das refeições, limpeza dos dormitórios, da cozinha, etc. O trabalho exaustivo tornou-se a metodologia de trabalho desenvolvida na instituição, *“Partimos da conscientização, todas as atividades possuem um fundo pedagógico”*, nos diz o assistente social, pois, através da labuta, do cansaço e da espiritualidade, acredita-se que os internos irão aprender a viver sem usar” drogas” e álcool, sendo que os momentos destinados a integração, a socialização, as reuniões de Narcóticos e Alcoólicos Anônimos, as trocas de experiências e as aulas da pedagoga, são realizados num curto intervalo de tempo, no máximo duas horas.

Além disso, acredito que as atividades feitas pela pedagoga, não possuem a mesma seriedade e importância que o trabalho braçal realizado nas instalações da C.T, várias vezes, durante meu estágio, as aulas foram canceladas pelo coordenador, devido à colheita do milho, por exemplo, ou para a realização de missas e vigílias, *“Fazer faxina eu sei, rezar eu sei e carpinar eu também sei”*, nos fala um dos internos entrevistados, quando perguntado sobre o que está aprendendo na C.T. As aulas são encaradas como “passa tempo”, os internos conversam, assistem filmes, fazem recortes em revistas, desenham, pintam, contam histórias e produzem artesanatos, que serão revertidos em renda para a instituição.

Os indivíduos que ficam seis meses na Comunidade Terapêutica são, na maioria dos casos, jovens e adultos que possuem longas histórias para contar sobre o uso de “drogas”: *“Lembro que vendi minha moto, carro e terreno em condomínio fechado, ficava sumido uns dias, roubei meu pai, peguei dinheiro da conta corrente dele, tentaram me matar, por causa de treta com traficante”*, recorda-se um interno. Ou: *“Aos 18 anos comecei a roubar carro e toca CD, depois aprendi com os caras da Biqueira a técnica, roubar sem precisar quebrar o vidro, abrindo o carro pela maçaneta, também aprendi a ligar o carro sem a chave...gastava tudo em dois dias, com drogas, balada e mulher”*.

Percebemos que, de alguma maneira, estes rapazes tinham que manter o consumo de “drogas”, sendo a criminalidade, o roubo, o furto e a violência da polícia, elementos constantes em seus depoimentos. *“Atendemos a uma faixa etária entre 18 – 55 anos, na Comunidade Terapêutica encontramos uma população variada, pessoas que estavam em situação de rua ou que moravam com suas famílias, na maioria dos casos, os indivíduos abandonam tudo para viver na rua e usar drogas o dia todo”*, nos diz o assistente social.

Os profissionais que trabalham na C.T têm opiniões parecidas a respeito do uso de “drogas”, segundo eles: *“O individuo que faz uso de drogas é portador de uma doença. Em 2001, a adicção foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como uma doença”,* ou *“Aprendi que o usuário de drogas é portador de uma doença, não tinha conhecimento sobre o uso de drogas, achava, sinceramente, que fosse sem – vergonhice”*.

Como vimos no capítulo I, ao longo do século XX, várias substâncias psicoativas serão conhecidas com o termo de “drogas”, o qual é derivado dos saberes médicos e higienistas que, de acordo com Fiore (2008) relacionam-se com a normatização do comportamento. *“A inspiração para o uso dessa noção vem do sentido dado por ela por Michel Foucault, que entende os saberes médicos como um conjunto muito mais amplo de articulação entre o conhecimento, disciplina e poder”* (FIORE, 2008, p. 141).

Michel Foucault (1987) aprofunda tais discussões em seu livro “Vigiar e punir: o nascimento da prisão”, no qual mostra que a escola, a penitenciária, o quartel, o hospital e o convento, são espaços responsáveis por controlar, vigiar e, sobretudo, disciplinar os indivíduos. *“A polícia jogou spray de pimenta na minha cara, fui ameaçado nos mocó, fui preso três vezes por tráfico, furto e porte de armas. Fiquei algemado na delegacia, em pau de arara”*.

Nestes espaços, existe a atuação da microfísica do poder, que a partir do século XVIII, não será mais centralizado na figura do monarca ou do Estado, mas difundido em várias instituições, através, por exemplo, da flexibilização do tempo, da disposição de objetos, da escolha de determinadas atividades, etc, a fim de submeter os indivíduos e deixá-los dóceis. *“É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”* (FOUCAULT, 1987, 163), almejando manter o controle da população e a coerção social.

“Comprava cocaína na Biqueira próxima de casa e cheirava no quartel, um monte de gente do quartel usava drogas, tem um tenente que cheira cocaína e corre a São Silvestre, hoje ele é aposentado” e *“Passei a usar de vez em quando, levava para a escola e mostrava para os moleques”*. Estas falas nos mostram a facilidade com que um dos internos encontrava para circular com “drogas” na escola e no quartel, em nenhum momento, o mesmo relata que professores, tenentes e diretores o questionaram sobre, provavelmente, algum comportamento diferente ou tentaram ajudá-lo a se recuperar da

utilização de “drogas pesadas”. As prisões no quartel e a expulsão da escola foi o modo encontrado por ambas as instituições para punir e se desresponsabilizar sobre o interno, ao invés de recuperá-lo e educá-lo.

A Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração por entender que é somente, a partir do trabalho nas plantações, na cozinha, na limpeza, no cuidado dos animais, valendo – se, principalmente, de uma espiritualidade “exagerada”, pois o cotidiano na mesma é intercalado por vários momentos destinados ao culto religioso, impossibilita o diálogo, com a pedagogia social. Esta, conforme vimos no capítulo II refere-se ao desenvolvimento da sociabilidade, da formação política dos indivíduos, para o exercício de direitos e deveres, da utilização de projetos e metodologias que atendam a problemática que irá se voltar, da prevenção, da recuperação, da reinserção e da intervenção na vida de sujeitos em situação de risco social, marginalização e abandono.

Enfim, a C.T pode ser considerada como um “depósito de gente”, já que abriga indivíduos, na maioria dos casos, em situação de rua, oportunizando aulas de alfabetização, leitura de textos, recortes, colagens, produção de enfeites, reza do “terço”, missas, vigílias, disciplina, e acima de tudo, muito trabalho, sendo esta a maneira encontrada pela instituição, para educar e inserir socialmente os internos.

Podemos concluir que a C.T, por ser um espaço de: depósito de gente, o qual possibilita abrigo para os indivíduos não ficarem em situação de rua ou abandono, “amansamento”, pois seus frequentadores são “domesticados” e/ou “amansados” para aprenderem a conviver em comunidade, “*Antes eu era muito explosivo*”, nos lembra um dos internos, utilização de mão de obra “gratuita”, em vez de enfatizar uma prestação de serviços de” mão dupla”, ou melhor, dar e receber: acolher, ajudar e, em troca, participar no coletivo do grupo, exercício de poder sobre os corpos e mentes fragilizados pelo uso de “drogas”, levando a dominação dos frequentadores, em troca de apoio, ajuda, abrigo, terapia e espiritualidade. Por tudo isso, conclui-se que, ao invés de tratar tais indivíduos, levando-os a assumir sua cura enquanto cidadãos que são capazes de dar e receber apoio, cidadãos conscientes de saberes, deveres, capazes de ajudar aqueles que estão (agora) nas mesmas condições em que já estiveram (antes), reduz estes indivíduos a outras situações de dependência e de inconsciência, tutelados e incapazes de interagir com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“AQUI TEM POUCO LAZER, POUCO ESTÍMULO”.

A partir das definições pontuadas por Jaume Trilla (2003) para se referir a pedagogia social, como basear - se na sociabilidade e na formação política de indivíduos em situação de conflito com o meio, concluo este Trabalho de Conclusão de Curso, relatando que a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração, não é um espaço de atuação da pedagogia social.

Pois, os jovens e adultos que se internam na mesma, dedicam -se durante seis meses, ao trabalho braçal, ao trato de animais, a limpeza do ambiente e, sobretudo, a espiritualidade, em detrimento, de atividades educativas que eduquem, socializem, conscientizem e integrem á vida em sociedade. “*Nós não tínhamos que varrer, ir para a enxada, passar pano, lavanderia e horta*”, nos diz um dos entrevistados quando questionado sobre a diferença entre as clínicas de recuperação pelas quais passou, e a Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração.

As poucas atividades educativas que são desenvolvidas nesta instituição, como: reunião de Narcóticos e Alcoólicos Anônimos, partilha de sentimentos, realização de práticas esportivas e aulas da pedagoga, não são consideradas com a mesma seriedade, que o trabalho e a espiritualidade, por parte da coordenação da C.T.

Enfim, por esse motivo, acredito que a C.T se vincula a um “depósito de gente”, tendo em vista, que se procura catequizar, acalmar, disciplinar, ensinar o gosto ao trabalho e amansar sujeitos que viveram durante muito anos, na criminalidade, na prostituição, na marginalização, nas ruas e em prisões, devido o uso abusivo de “drogas” e álcool, a desestrutura familiar, a violência doméstica, a pobreza e a exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. A socialização incompleta: jovens delinquentes expulsos da escola. In: **Sociedade Civil e Educação**. Campinas: Papyrus, 1992.

ARAÚJO, Francieli; BARBOSA, Renata Peres. O Estado e as reformas pós década de 90: movimentos sociais, terceiro setor e educação não-formal. *Aurora*, ano III, nº 5, dezembro, 2009.

ALMERINDO, Janela Afonso. Sociologia da educação não – escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antônio & STROER, Stephen R. **Sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento, Porto, p. 83 – 96.

ALVIM, Maria Rosilene B. A infância negada: meninos e meninas de rua no Brasil. In: GONÇALVES, Marco A. **O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Ed. Relume Dumara, RJ, p. 91 – 99.

CARNEIRO, Henrique. Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

DAUSTER, Tânia. Uma infância de curta duração: Trabalho e Escola. **Caderno de Pesquisa**, FCC, São Paulo, 99.

IORE, Mauricio. O consumo de psicoativos como campo de pesquisa e de intervenção política – Entrevista concedida por Gilberto Velho. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGLIORE, Mauricio. Prazer e Risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. Ponde Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 11 até p. 62.

GIL, Gilberto; FERREIRA, Juca. A Cultura, o Estado e os diversos usos das “drogas”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não – formal. In: **Educação não – formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo, Cortez. 2001.

GUARINELLO, Norberto Luiz. O vinho: uma droga mediterrânea. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

RODRIGUES, Thiago. Tráfico, Guerra, Proibição. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

PETRUS, Antoni. Novos âmbitos em educação social. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

PETRUS, Mercê. A formação dos educadores sociais. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

PETRUS, Mercê. Como otimizar a prática pedagógica. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

ROMANS, Mercê. Funções e competências do educador social. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

TRILLA, Jaume. O “ar de família” da pedagogia social. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

TRILLA, Jaume. Os âmbitos da educação social. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: educador social*. Porto Alegre, Artmed, 2003.

VARGAS, Eduardo Viana. Fármacos e outros objetos sócio – técnicos: notas para uma genealogia das drogas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FREIRE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

ANEXO

ENTREVISTAS

Entrevistas realizadas no final do mês de novembro de 2010, com dois internos da Comunidade Terapêutica Nossa Senhora da Restauração.

1) Com um jovem residente.

Quantos anos você tem?

Tenho 21 anos.

Como é sua relação com seus pais e familiares?

Sou muito apegado com minha família. Meu pai é perfeccionista, ele não aceitava as coisas que eu fazia, ele não me entendia, mas, mesmo assim, nunca respondi para ele, sempre abaixei minha cabeça quando ele falava. Lembro que quando meu pai saía para trabalhar, eu saía escondido. Sempre joguei bola e vídeo game com meu pai. Eu sou o queridinho dele, durante a semana, recebo umas três cartas do meu pai, ele também liga uma vez por semana, nas cartas, ele sempre escreve “Oi meu filho querido”. Minha mãe sempre ficou do meu lado.

Cresci querendo ser exemplo para meu irmão, eu saía e levava ele junto comigo, a gente ia para a balada. Meu irmão já me viu usando drogas, já experimentou junto comigo, estiquei uma “carreira de cocaína” para ele cheirar, nesse dia, ele insistiu muito, depois de usar, ele começou a vomitar, na época ele tinha 13 anos. Hoje, meu irmão é exemplo, faz SENAI, trabalha, faz arremesso de peso, estuda à noite e ajuda em casa.

Como foi seu primeiro contato com as drogas, é fácil encontrá-las na comunidade?

Tinha um vizinho que devia na Biqueira², ele pediu para eu ir comprar droga em seu lugar, teve um dia que fiquei curioso para saber como era e pedi para ele me dar um pouco, depois de cheirar a droga, comecei a passar muito mal, suava, minha garganta ficou travada, também fiquei muito elétrico. Passei a usar de vez em quando, levava para escola e

² Local em que as “drogas” são misturadas e comercializadas

mostrava para os moleques, também comecei a ir sempre na Biqueira e ficar amigo do pessoal de lá.

Os caras da Biqueira me davam droga de graça, eu chegava lá sem pedir licença, eu não tinha medo, queria me enturmar com o pessoal do crime, consegui ficar popular, comecei a impor respeito com o pessoal do bairro, muitas pessoas tinham medo de mim. É mais fácil encontrar Biqueira que padaria, na minha rua tem uma, e duas ruas abaixo de casa, também tem.

Você finalizou seus estudos, como você era na escola?

Estudei até à oitava série, fui expulso da escola estadual Victor Meireles, teve um dia que fui para a escola sob efeito de drogas, era carnaval, eu estava com um spray de espuma brincando com algumas meninas que conhecia. De repente, uma menina me desafiou, disse que duvidava que eu jogaria espuma nela, disse que eu não era homem para fazer isso. Eu, imediatamente, joguei um monte de espuma no seu óculos e sai ocorrendo até à última sala, essa menina foi atrás e para impedir que ela chegasse até mim, joguei umas carteiras nela, então, ela caiu e se machucou inteira, ficou cheia de hematomas, por causa da pancada.

Após dois dias, eu estava na educação física, quando a diretora mandou me chamar, assim que cheguei na sua sala, dei de cara com a menina, seus pais e os meus pais. Os pais dela ameaçaram fazer boletim de ocorrência, disseram que iriam abrir processo contra mim por agressão, além disso, exigiam minha expulsão da escola, a diretora, então, para abafar o caso, acabou aceitando minha expulsão. Meu pai ficou muito bravo, brigou comigo, disse que era para eu responder na justiça a agressão que tinha feito.

Depois da expulsão, tentei voltar para outra escola, fui fazer supletivo na escola Norberto, na minha classe, só tinha idoso, eu terminava a lição, depois ficava entrando e saindo da sala, eles fizeram um “abaixo – assinado” para me tirar da sala, concluindo, também fui convidado a me retirar, não mais voltei a estudar.

Na escola, eu não gostava de fazer lição, depois que comecei a usar drogas, ia à Biqueira todos os dias comprar drogas, em seguida ia para escola. Eu repeti a quinta e sexta séries, não parava quieto, a psicóloga disse certa vez para minha mãe que sou hiperativo. Para você ter idéia, eu pegava farinha de trigo, colocava dentro de uns pedacinhos de sacola e jogava no ventilador, aquilo virava um pó branco dentro da sala.

Também já servi o quartel, lá dentro fui preso duas vezes, a primeira porque recebi meu salário e fiquei usando drogas por sete dias, nesse período, eu não morava com meus pais, sai de casa e fui morar com meu amigo, ele cheirava junto comigo, tive um relacionamento com a mãe dele, eu com 19 e ela com 31 anos. A outra vez que fiquei preso foi por ter respondido a um tenente, eu estava varrendo, tirei todo o lixo do chão, mas por conta de uma folha, o tenente derrubou todo o saco de lixo e disse que era para eu juntar tudo de novo, eu respondi que não iria fazer.

A cela no exército tem grade normal, sem colchão, sem coberta, eles jogam balde d'água na cara, se não acordar às 6 horas da manhã, fiquei três dias preso no exército. Eu usava drogas lá dentro para ficar acordado a noite toda. Comprava cocaína na Biqueira próxima de casa e cheirava no quartel, um monte de gente do quartel usava drogas, tem um tenente que cheira cocaína e corre a São Silvestre, hoje ele é aposentado.

Quais são suas recordações da época em que usava drogas?

Roubos, mentiras, tráfico, polícia, tive um acidente de carro, eu e meu amigo estávamos tirando racha em frente da antiga rodoviária de Campinas, a gente bateu com tudo num poste, eu estava totalmente drogado, fiquei muito mal com esse acidente, os médicos tiveram que colocar platina no meu rosto (mostra com o dedo o local dos ferimentos).

Você gosta de ficar na Comunidade Terapêutica?

Na verdade, eu queria ficar com minha família, mas estou buscando minha recuperação. Eu não conseguia ficar sem usar drogas, meu pai saía e trancava o portão, eu várias vezes, pulei o muro e levava as coisas de casa, eletrônicos, dinheiro e ferramentas, trocava por cocaína. Aqui na C.T, estou aprendendo a mudar de comportamento e aprendendo os 12 passos de Narcóticos Anônimos, antes eu era muito explosivo, quero comprar outro livro do N.A, é uma ferramenta que ajuda a lidar e a conviver com o diferente e também me faz entender as conseqüências do uso de drogas. Sempre que fazemos reuniões em grupo, lembro do meu passado. Aos 18 anos comecei a roubar carro e toca CD, depois aprendi com os caras da Biqueira a técnica, roubar sem precisar quebrar o vidro (mostra o braço

cheio de cicatrizes), abrindo a porta do carro pela maçaneta, também aprendi a ligar o carro sem chave. Vendia um carro por 500 reais, 800 reais no desmanche, carro 2.0 ganhava de 1.000 a 1.300, gastava tudo em dois dias, com drogas, balada e mulher.

O que está aprendendo na C.T que poderá o ajudar quando sair da instituição?

Aqui na C.T estou, primeiramente, aprendendo a viver sem precisar usar drogas, também estou aprendendo a ter consciência sobre os riscos que estou correndo, por exemplo, ficando vários dias usando drogas, bebidas e saindo com garotas de programas. Esses dias, um dos internos disse que o usuário de drogas pode parar em três lugares diferentes, na cadeia, no hospital e no cemitério, fiquei muito assustado e, após pensar um pouco, acho que ele tem razão. Não quero ter esse fim, por isso continuo aqui.

O que está aprendendo com seus colegas de Comunidade Terapêutica?

Estou aprendendo com o companheirismo deles, os moradores de mais idade, contam sobre suas vidas, das oportunidades que perderam, por conta de, sei lá, mais de 30 anos usando drogas, traficando, roubando, etc. Muitos passaram anos na cadeia, apanharam da polícia, perderam totalmente o contato com a família, têm AIDS e outras doenças.

O que você gosta de fazer na C.T?

Gosto das reuniões em grupo, das partilhas de sentimentos, por incrível que pareça, gosto de cuidar do jardim e das aulas da professora de educação física.

O que não gosta de fazer na C.T?

Não tem nada aqui que não goste de fazer, acho que não gosto quando dão palpite nas coisas que faço.

Você já ficou em outra instituição?

Sim, na época eu tinha 19 anos, a clínica era evangélica, a gente tinha que orar o dia inteiro. Não tinha laborterapia, lazer, nem reuniões de N.A a gente fazia. O tratamento era feito

desse jeito, seis meses nessa casa, mais três meses em um sítio em Sousas, consegui ficar seis dias nessa instituição.

O que não aprendeu na outra instituição que está aprendendo nesta?

Na outra instituição não aprendi nada. Estou aqui por decisão própria, na C.T estou tentando ter controle sobre minha vida, sabe, parei para pensar o que quero para mim e para meu futuro, o coordenador fala na importância da gente ter consciência sobre nossos atos, acho que eu não sabia direito as coisas que fazia. Para você ter idéia, antes de vir para cá, estava morando com minha tia, ela dava dinheiro para mim e para meu primo comprar drogas, ele comprava maconha e cocaína e eu cocaína.

Ah, antes de morar com minha tia, eu morei com uns ciganos, fiquei viajando de um lado para outro, conheci Mogi Mirim, Sorocaba, Jaguariúna, Espírito Santo do Pinhal e São Paulo. Meus pais não queriam falar comigo, eu ligava, mas eles não atendiam, quando atendiam, desligavam na minha cara (começa a chorar). As mulheres ciganas pedem comida e dinheiro nas casas e nas ruas, os homens ciganos ficam nas barracas, eles fumam crack e roubam carros.

Você se sente motivado para fazer e cumprir o cronograma de atividades da C.T?

Sim, tudo o que é sugerido tem um propósito, é para meu crescimento pessoal.

O que pretende fazer quando sair da C.T?

Quero voltar a estudar, trabalhar e viver bem. Dei muito desgosto para minha família, meu sonho é montar minha própria família, agora, não sinto vontade de usar, só que não posso ficar conversando com um usuário de drogas, ele pode despertar em mim, a vontade de usar novamente.

2) Com outro jovem residente na Comunidade Terapêutica.

Quantos anos você tem?

Tenho 34 anos

Como é sua relação com sua família?

Depende, sempre me impus muito, sempre gostei de argumentos, nunca agredi meus pais, sou o caçula de seis irmãos, apanhei muito dos meus pais e dos meus irmãos, na verdade, eu tinha ódio deles, gostava só da minha mãe e da minha irmã. Tive uma infância pobre, trabalhava na roça, meus irmãos batiam muito em mim. Minha família é desunida, depois que minha mãe faleceu, perdi muito o contato. Sinto mágoa dos meus irmãos, grande parte da minha família tem problema com drogas e álcool.

Como foi seu primeiro contato com as drogas, é fácil encontrá-las na comunidade?

Eu tinha 19 anos, tava com um grupo de amigos “maloqueiros”, eles sempre sumiam, quando tinham dinheiro, nesse tempo comecei a usar pitilho, crack misturado com cigarro na seda. Quando experimentei minha boca ficava dormente, fiquei um mês fumando sem tragar, depois comecei a cheirar para fazer moral com os caras, também comecei a usar maconha e pitilho, mesmo assim, trabalhava e estudava.

Depois comecei a dar uma paulada³, crack no cachimbo, nessa época perdi totalmente a noção. Consigo droga em qualquer, trabalhava numa empresa, viajava muito a trabalho, em todos os lugares que ia, conseguia drogas, comecei a dar uns “perdidos” na empresa, se a polícia encontrar você com drogas, com mais de três papéis de cocaína ou três gramas, é tráfico, não queria me “queimar” com a empresa.

Você finalizou seus estudos, como você era na escola?

³ Fumar crack no cachimbo

Sim, terminei o ensino médio e fiz o curso de cabeleireiro, no começo eu mexia com maquiagem, só de ver aprendi a cortar cabelo, fazia por dinheiro, nesta época já usava drogas. Na escola gostava de chamar atenção, era sarrista, gostava de ser o ban ban ban, passava branquinho no cabelo das meninas, eu não gostava de estudar, ligava a matéria ao professor, matava aula. Nunca bati boca com professor, também nunca fui à diretoria, acho que precisava de uma diretriz.

Quais são suas recordações da época em que usava drogas?

Lembro que vendi minha moto, carro e terreno em condomínio fechado, ficava sumido uns dias, roubei meu pai, peguei dinheiro da conta corrente dele, tentaram me matar, por causa de treta⁴ com traficante, a polícia jogou spray de pimenta na minha cara, fui ameaçado nos “mocó”⁵, fui preso três vezes por tráfico, furto e porte de armas. Fiquei algemado na delegacia, em pau de arara. Conheço visitas, penitenciária, gostava da malandragem, minha vida é complexa, gosto de adrenalina, de ser importante, de me sobressair e ser considerado.

Você gosta de ficar na C.T?

Gostaria de ficar em casa, passeando. Aqui tem pouco lazer, pouco estímulo.

O que está aprendendo na C.T que poderá o ajudar quando sair da instituição?

Não sei, fazer faxina eu sei, rezar eu sei e carpinar eu também sei.

O que está aprendendo com seus colegas de Comunidade Terapêutica?

Estou aprendendo a ouvir mais, ter paciência, saber ouvir as lições de cada pessoa e me identificar com elas, apesar de um ser morador de rua e o outro ser “embrulhão”, nós vivemos a mesma coisa. Eu acho que os internos da C.T são moles, eu não sou fraco. Eu acho que tenho força e coragem, me fiz forte para ajudar as pessoas, elas ficam chateadas quando não falo com elas ou quando não as ajudo. Quando minha mãe ficou doente,

⁴ Briga e desentendimento

⁵ Um dos nomes que os usuários chamam os locais que vendem “drogas”

sempre ajudei, preciso ajudar alguém, preciso disso para ficar limpo⁶. Meus colegas de C.T me devolveram a vontade de viver, disposição, ânimo, sentimento de amizade, qualquer presentinho que alguma pessoa me der, já traz alegria. Faz bem ao ego.

O que você gosta de fazer na C.T?

Gosto das reuniões de partilha, não gosto das reuniões de 12 passos dos Narcóticos Anônimos. É só partilha, o pessoal só quer desabafar, nunca resolvem seus problemas, às vezes da vontade de matar um. Gosto também da professora, ela é inteligente, sabe o que está falando, sempre espero suas aulas, ela traz uma alegria gostosa, entende quando perguntamos as coisas e traz assuntos diferentes, suas atividades desenvolvem o raciocínio e a percepção.

Além de gostar de comer, dormir e tomar banho, gosto de fazer artesanatos, no meu horário livre. Gosto de trabalhar com bijuterias e artesanatos, também gosto dos momentos de espiritualidade antes do almoço.

O que não gosta de fazer na C.T?

Não gosto de jogar bola, a professora de educação física faz a gente jogar.

Você já ficou em outra instituição?

Já, fiquei na clínica Recanto Primavera, em Valinhos, e na Agnelo Cunha, em Vinhedo, as duas clínicas são particulares. Na primeira fiquei quatro meses, eu mesmo paguei, na época tinha um salão de cabeleireiro. Pagava uma espécie de previdência, recebia um salário alto. Gostei muito da primeira clínica, a gente tinha de 4 a 5 reuniões por dia, fazíamos reunião de auto – ajuda e Narcóticos Anônimos. Nós não tínhamos que varrer, ir para a enxada, passar pano, lavanderia e horta. Aprendi os doze passos de Narcóticos nesta clínica.

Nós fazíamos ioga, capoeira, piscina, musculação, tinha campo de futebol, lago, poderíamos usufruir, desde que fosse no horário certo. A noite tinha a espiritualidade, as pessoas que estavam lá involuntariamente cumpriam um horário diferente do nosso, elas só saíam durante as reuniões, nem comiam junto.

⁶ Ficar sem usar "

Na Agnelo Cunha tinha alguns conselheiros que batiam muito, eles agrediam os internos, parecia polícia e bandido, os conselheiros eram também ex – dependentes químicos. Eu era muito querido, toda ação tem uma reação. Nesta clínica a rotina era a mesma, fiquei dois meses, teve um tempo que a clínica ficou super – lotada, algumas pessoas dormiam no refeitório.

Você se sente motivado para fazer e cumprir o cronograma de atividades da C.T?

Sim, faço as atividades com vontade, se tivesse algo melhor eu faria.

O que quer fazer quando sair da C.T?

Voltar ao trabalho, comprar um apartamento e mobiliá-lo.

Entrevistas realizadas com o assistente social e com a psicóloga, no início do mês de Dezembro de 2010, na ONG, Associação Esperança e Vida.

3) Com o assistente social

Quantos anos você tem?

Tenho 30 anos.

Quem é o indivíduo usuário de drogas, como você o caracteriza?

O indivíduo que faz uso de drogas é portador de uma doença. Em 2001, a adicção foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como uma doença. Antes o usuário de drogas era visto como marginal, a sociedade o tratava como vagabundo, pessoa que não presta. Hoje, entendemos que o usuário de drogas é um cidadão comum que possui comportamentos inadequados, na maioria das vezes, rouba e comete homicídios, por conta da vontade desenfreada de usar drogas.

Atendemos a uma faixa etária entre 18 a 55 anos, na Comunidade Terapêutica encontramos uma população variada, pessoas que estavam em situação de rua ou que moravam com suas famílias, na maioria dos casos, os indivíduos abandonam tudo para viver nas ruas e usar drogas o dia todo.

Além disso, aqui presenciamos todos os públicos, desde analfabetos até pessoas com nível superior completo, desde pessoas excluídas socialmente até pessoas com elevado nível sócio – econômico. Todos estão no mesmo nível de dor física e desgaste emocional, eles nos procuram por não mais suportarem a dor e o abandono.

Como é a família do usuário de drogas?

As famílias são sofridas, na verdade, são co – dependentes, deixam de viver a própria vida em função do dependente.

Como funciona seu trabalho no atendimento aos internos da C.T?

O serviço social é a porta de entrada para o atendimento e cuidado do dependente químico. Faço inicialmente o acolhimento e triagem dos internos, o tratamento é gratuito, muitas pessoas que nos procuram estão, como já disse, em situação de rua, não podem colaborar, pedimos uma contribuição financeira somente para aqueles que podem pagar. Também participo de algumas reuniões na C.T e contribuo com a reinserção social do interno que já está terminando seu tratamento. Essa reinserção é gradativa, o interno pode ir para casa de sua família, conhecer outros grupos de apoio, reorganizar os documentos pessoais, ficar um dia fora da C.T e retornar à noite.

Como são as atividades desenvolvidas na C.T?

Partimos da conscientização, todas as atividades possuem um fundo pedagógico, são direcionadas ao incentivo da vida coletiva, da interação e diálogo entre internos – internos e internos – funcionários. Trabalhamos muito com reuniões em grupo e peças de teatro, a partir disso, nos voltamos para a história de vida de cada interno, na produção das peças, a pedagoga auxilia e ajuda como pode. De modo geral, buscamos ofertar um espaço de reflexão e de exercício prático da cidadania, através, primeiramente, da preocupação consigo mesmo e com outras pessoas, desejamos fazer com que cada interno tenha uma vida saudável, sem necessitar usar drogas, álcool, roubar, matar e se prostituir.

Quais são as maiores dificuldades?

O tratamento é realizado em várias etapas, contamos inicialmente, com a adesão do usuário ao tratamento. Infelizmente, 9 meses é um período curto para fazer um trabalho cem por cento, os ambientes, os amigos e a própria família oferecem várias oportunidades para o sujeito voltar a usar drogas. Além disso, nove meses é um tempo curto para preparar o interno para uma nova vida, normalmente eles começam a aderir ao tratamento somente a partir do quarto mês.

Temos poucos profissionais para atender a toda a demanda, nossa estrutura física é bastante limitada, alguns locais da C.T necessitam de reformas urgentes.

Porquê ocorrem os desligamentos da C.T?

Os desligamentos da C.T ocorrem por alguns motivos, não adaptação do sujeito à rotina da C.T, desmotivação, prática de sexo, uso de drogas, agressão física e verbal.

Você acredita no que faz, gosta de trabalhar na C.T?

Acredito que todo ser humano tem um ponto acessível, através da aproximação, perseverança, técnica e jogo de cintura, podemos reverter muitas histórias de vida de usuários de drogas que não acreditam mais na recuperação. O uso de drogas é uma doença que já matou direta e indiretamente muitas pessoas. Adoro o que faço, tenho um amor enorme à causa, sou pós – graduado pela UNIFESP.

4) Com a psicóloga

Qual sua idade?

Tenho 30 anos.

Há quanto tempo trabalha com usuários de drogas?

Faz 1 ano e meio que trabalho com os meninos.

O que pensa sobre o usuário de drogas?

Trabalhando aqui na Associação Esperança e Vida, aprendi que o usuário de drogas é portador de uma doença, não tinha muito conhecimento sobre uso de drogas, achava, sinceramente, que fosse sem – vergonhice.

Quem é seu paciente usuário de drogas?

São pessoas de baixa renda, eles têm no máximo até o segundo grau.

Quais são as maiores dificuldades para realizar seu trabalho?

Fazer com que os internos da C.T percebam que realmente necessitam de tratamento e durante o mesmo, criar perspectivas de uma vida melhor, sem precisar retornar à criminalidade e ao tráfico.

Como é seu trabalho na C.T?

Vou à C.T todas as terças e quintas feiras, faço atendimento individual e em grupo, tento fazer com que os internos se conheçam mais e que aprendam com as experiências de vida de cada um. Além disso, quando os meninos vão para a C.T, eles criam um mundo de fantasias, tento puxá-los para a realidade, lidar com suas frustrações e com as dificuldades que possuem para prosseguirem com o tratamento.

Possue cursos de especialização?

Estou cursando pós – graduação em grupalidade na instituição.

Gosta do que faz?

Gosto, é gratificante, mas não vejo bons resultados, dificilmente os internos conseguem ficar sem usar drogas, eles acabam recaindo e voltando aos velhos hábitos. Acho que falta maturidade e motivação dos internos para aceitar o tratamento, a família pensa que a gente vai fazer milagre, acho que ela tem que participar mais, o uso de drogas é um problema social.

